

GOMES, Sergio. *A gramática do silêncio em Winnicott*. São Paulo: Zagodoni, 2017, 240p.

Luiz Henrique Lessa\*

A psicanálise freudiana – e seus continuísmos – é, além de um método clínico, um projeto ontológico que toma o que é propriamente humano como opondo-se à natureza, entendida como perigosa e enlouquecedora, e cerceado pela cultura, esta compreendida como uma organização frágil e defensiva contra a natureza. As diversas dicotomias fundantes da tradição psicanalítica – natureza e cultura; pulsão de vida e pulsão de morte; inconsciente e consciência; etc. – se traduzem no método clássico estruturado em três regras fundamentais: a associação livre por parte do paciente, a atenção flutuante do analista e o princípio da abstinência. Nesse cenário, cabe ao analista escutar e interpretar o que é dito e não dito pelo paciente que, por sua vez, deve dizer tudo que lhe vem à cabeça e aceitar as interpretações do analista, sem receber deste qualquer conforto em relação ao seu sofrimento. O paciente deve dizer através da palavra falada ou atuada sobre seu mal-estar para que o analista interprete explícita ou implicitamente o recalque e seus derivativos que atuam sobre o corpo e psiquismo do analisando. O silêncio é interpretado em termos de formações reativas diante do excesso pulsional destrutivo, do recalque ou resistência ao tratamento. A postura da psicanálise clássica diante do silêncio é a de denúncia. Ora ele é sintoma, ora resistência.

Em *A gramática do silêncio em Winnicott*, Sergio Gomes positiva o silêncio propondo não apenas uma modificação da técnica e da teoria psicanalítica, mas se utilizando de uma outra ontologia e, conseqüentemente, de outra ética. Nessa obra original e rigorosa conceitualmente, o autor argumenta e demonstra como a psicanálise pode ser algo diferente da perspectiva romântica e pessimista de Freud e nos apresenta, a partir de Winnicott e outros psicanalistas originais, uma psicanálise que integra a empatia, a afetividade e espontaneidade de analista e analisando, reconciliando, assim, razão e afeto, natureza e cultura, valorizando o intersubjetivo em detrimento do intrasubjetivo e redefinindo o ofício de analista, de detetive para cuidador.

No primeiro capítulo de sua Gramática, Sergio Gomes apresenta a teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott. Nos apresenta um aparelho

---

\* Psicanalista, mestre em Saúde Coletiva (UFRJ), professor de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida (UVA). Contato: [lessaluiz@yahoo.com.br](mailto:lessaluiz@yahoo.com.br)

psíquico formado não como defesa diante de um mundo sempre e necessariamente abusivo como o descrito por Freud e Lacan, ou pior, como submissão ressentida a este. O aparelho psíquico, e em especial o inconsciente, proposto por Winnicott e Gomes é o resultado do cuidado recebido pelo bebê do mundo que o acolhe. Se, na perspectiva clássica, a psicanálise parte do pressuposto que na origem do humano está o desamparo e a falta, o autor demonstra que na origem o que há é amparo e hospitalidade, sendo o desamparo não original, como postula Freud, mas circunstancial, fruto da impossibilidade do ambiente acolher suficientemente o bebê. Há aqui não apenas uma reforma epistemológica, mas fundamentalmente uma proposta ontológica. A noção de desamparo e suas consequências devem ser reservadas à psicopatologia, enquanto tomamos como humano a realização de uma potência, a natureza humana. Winnicott parte de uma perspectiva não dicotômica em que a cultura é um modo de expressão da natureza humana, sendo esta, por sua vez, sempre potencial. Da mesma forma como uma semente tem em si a potência de se tornar uma planta – a depender do quão favorável for o ambiente para a realização dessa potência – um bebê tem potencialmente a capacidade de se desenvolver e se tornar um indivíduo ao mesmo tempo singular e identificado com o mundo. Não é, portanto, a linguagem, em especial a palavra, uma tábua de salvação para um bebê naufrago, supostamente desamparado – que precisaria ser salvo pela linguagem, pela civilização e cultura de sua natureza precária e mortífera, como na mitologia freudiana. Gomes demonstra que verbal e não verbal são aspectos indissociáveis de um modo afetivo de comunicação a serviço da constituição de uma unidade dual, mãe-bebê. Nesse sentido, o psiquismo é parte da realização da natureza humana potencial favorecida pelo cuidado dispensado ao bebê na experiência de ser uma unidade dual. O colo, a pele, o corpo, a voz, o cheiro, os sons – inclusive intrauterinos – são suportes e facilitadores da unidade mãe-bebê; a palavra vem depois, argumenta o autor.

O segundo capítulo é dedicado à teoria winnicottiana da comunicação. Há aqui também o abandono de outras concepções dicotômicas, como verbal e não verbal e comunicação e não comunicação. Gomes demonstra como Winnicott redimensiona a noção de comunicação, incluindo som e silêncio e trazendo o corpo à cena. Há, dessa forma, lugar para a intimidade e para o isolamento. O olhar entre mãe e bebê tem o sentido do reconhecimento da alteridade e da singularidade, perspectiva que caracteriza uma teoria fundada na intersubjetividade. Diferente do conceito lacaniano de estágio do

espelho, que poderia ser chamado de estágio de projeção, o espelho objeto ou olhar da mãe não reflete o que a criança deveria ser em termos de idealização familiar ou social, mas o que a criança já é em sua singularidade e relação com a realidade imanente. O olhar perde o sentido paranoico, a função persecutória, projetiva ou sexual escopofílica, da teoria clássica, para converter-se num laço de intimidade que reconhece o indivíduo. O que está em jogo é o reconhecimento, elemento fundamental para constituição de um ego primitivo capaz de integrar as experiências somatopsíquicas positivas e negativas – ou em termos winnicottianos, estados tranquilos e excitados – de forma a favorecer a experiência de continuar existindo e se expandindo e se integrando no mundo. Gomes nos apresenta essas ideias a partir do conceito de tríplice hélice narcísica: ver, ser visto e notar que foi visto, dito de outra forma, reconhecido. O leitor poderá perceber as consequências clínicas dessa perspectiva no caso clínico apresentado pelo autor no primeiro apêndice do livro. Trata-se do caso de um rapaz que não foi reconhecido e que se apoiava no silêncio de forma reativa (retraimento) para preservar seu verdadeiro *self* que estava em perigo.

Retomo as consequências éticas e estéticas que essa teoria nos oferece. Se, no plano clínico, o analista é um ambiente suficientemente bom e capaz de reconhecer e dialogar com as necessidades de seus pacientes e, para isso, precisa modificar a teoria e técnica clássicas, no plano político, também pode haver imensas repercussões. Como nos reposicionamos diante das questões dos refugiados, das questões ecológicas, das agendas feministas, dos movimentos LGBTQI+, movimentos negros, das identificações político partidárias que cada vez mais parecem impedir o diálogo, dos estrangeirismos em geral? Em outras palavras, como lidamos com as necessidades dos outros e com as nossas próprias? Ao destacarem o papel da comunicação em termos de reconhecimento, Winnicott e Gomes extrapolam o campo clínico estrito e propõem a ética do cuidado, no lugar da ética do desejo, e a imanência, no lugar da idealização.

Em seu terceiro e último capítulo, Sergio Gomes discute o silêncio em termos de manejo clínico. Utilizando-se do famoso caso da psicanalista inglesa Margaret Little, paciente de Winnicott, o autor demonstra o valor do silêncio na clínica psicanalítica, não mais como resistência do paciente, mas necessidade de isolamento para que possa suportar e experimentar estados regredidos à dependência absoluta. Gomes demonstra que o papel do analista não é o de interpretar o que se dá na transferência, mas o de suportar a transferência de forma a responder às necessidades primárias do paciente que

clama e reclama pela oportunidade de tornar-se alguém, tornar-se uma pessoa. Nessa situação, a interpretação não tem nenhum efeito, a não ser iatrogênico. O *holding* passa a ocupar o lugar privilegiado que a interpretação tem na técnica clássica. O corpo do analista, a voz, os gestos e o próprio consultório (*setting*) precisam adaptar-se às necessidades do paciente tal qual a mãe e a família precisam se adaptar às necessidades do bebê. O trabalho do analista precisa despojar-se do imaginário ou fantasia (onipotente) de Sherlock Holmes do inconsciente para assumir, humilde e afetuosamente, o lugar corajoso de quem se dispõe a trocar fraldas.

Gomes nos mostra que o silêncio pode expressar aquilo que Winnicott chama de não comunicação ativa e não comunicação reativa. No primeiro caso, o silêncio pode estar a serviço da intimidade e confiança que se estabeleceu entre analista e analisando. Este último pode não dizer nada porque confia que o ambiente não irá retaliar seu silêncio por meio de perguntas ou interpretações. Sua experiência de continuar existindo está assegurada. No segundo caso, há uma forma defensiva de silêncio, o retraimento. O paciente sente-se em apuros, teme pela sua existência e retira-se das relações na esperança de conservar seu verdadeiro *self*. Gomes argumenta que o silêncio do paciente e do analista precisa ter um sentido de vivacidade. Cabe ao analista ser uma presença viva à disposição do paciente para que este encontre o analista quando o puder fazer. O silêncio do analista aqui tem a função de *holding*. Seu silêncio não é um convite para o paciente falar como na tradição de Freud e Lacan, mas o zelo com a existência do paciente. O silêncio é condição de coexistir e oferecer-se como ego auxiliar para o paciente.

A gramática do silêncio em Winnicott é uma obra necessária e contemporânea. Em uma época ruidosa como a que vivemos, o silêncio parece ser, para muitos pacientes, uma necessidade urgente e não uma resistência à análise. Sergio Gomes apresenta ao leitor uma psicanálise musical, constituída, portanto, de som e silêncios, notas e pausas. Sua leitura, como afirmei anteriormente, extrapola o campo clínico. O autor, para sustentar sua concepção de clínica, nos apresenta, antes, algo que podemos chamar de ontologia winnicottiana e ética do cuidado. O humano, para Winnicott, se constitui e se realiza a partir das relações de cuidado, nas relações no e com o mundo. Ao ter sido cuidado de maneira adequada no início da vida, ao experimentar ser o mundo, o que Winnicott chama de ilusão, o indivíduo pode finalmente ser no mundo. Reconhecer-se como parte dele e, ao mesmo tempo, como singular. Pertencer ao mundo

é completamente diferente de submeter-se a ele, como na neurose, ou exilar-se dele, como na psicose. Ou ainda, manipulá-lo perversamente. Pertencer ao mundo é ser coautor dele, criar o que já existe.

As ideias de Winnicott e a maneira original como Sergio Gomes as transmite e utiliza em seu livro se convertem em uma perspectiva ontológica completamente distinta do homem faltoso ou castrado da psicanálise clássica. O humano, para Winnicott, é potência que se confirma suficientemente ou insuficientemente a partir da qualidade das relações de dependência e interdependência. Por sua vez, Sergio Gomes presta um enorme serviço aos psicanalistas à medida que os livra da pose, do ódio pelo silêncio de seus pacientes e transforma o ofício do psicanalista em uma eficaz e imprescindível prática de cuidado.

*Recebido em: 18/10/2017*

*Aprovado em: 19/03/2018*